



## MANIFESTO DO LEVANTE FEMINISTA CONTRA O FEMINICÍDIO – TOCANTINS

**Nós, mulheres feministas tocantinenses, negras, indígenas, brancas, quilombolas, periféricas, convivendo com deficiências, lésbicas, bissexuais, cis e trans, das cidades, do campo, das águas e das florestas, nós, mulheres mães, parteiras tradicionais, trabalhadoras precarizadas, hiperexploradas e desempregadas, nos levantamos, em um ato de revolta, contra o feminicídio no Tocantins e exigimos seu fim.** A matança de mulheres é um verdadeiro genocídio que se soma ao genocídio negro e indígena, e ao genocídio sanitário no contexto da pandemia que ceifa milhares de vidas sob o descaso do desgoverno.

**No estado do Tocantins os dados estatísticos de 2020 apontam um aumento do crime de feminicídio em 80% em comparação aos dados de 2019. E, embora as mesmas estatísticas apontem para uma diminuição da violência doméstica em 9,1%, sabemos que há o aumento da exposição das mulheres aos seus agressores em razão da pandemia e que as mulheres não têm conseguido denunciar a violência de gênero que sofrem dentro de casa e fora dela.**

No ano de 2020 foram mortas 9 (nove) mulheres no Tocantins cujos feminicidas são homens que não admitem a autonomia, a igualdade e a liberdade das mulheres. São machistas, homens violentos que querem a domesticação e o afastamento das mulheres da vida pública. São machistas que usam a violência física, psicológica, moral, sexual e patrimonial contra mulheres e seus filhos até o extremo, que é o ato do feminicídio.

**A escalada de ameaças, humilhações e ataques que culminam no feminicídio íntimo, aquele que acontece dentro de casa, se repete no feminicídio político, que aniquila as mulheres, defensoras de direitos humanos, bem como mulheres indígenas, negras e trans que são alvo preferencial da atual necropolítica de aniquilação.** A violência contra as mulheres é um problema estrutural da cultura machista, racista lesbo-transfóbica, que nega às mulheres o direito a uma vida livre e plena.

**Constatamos a negligência e inoperância do Estado no enfrentamento à violência contra as mulheres, pela falta de políticas, de orçamentos, de equipamentos sociais e jurídicos e isto reforça o clima favorável ao extermínio, que dá aos homens licença para matar, e é efeito desse Estado que, em conluio com forças religiosas ultrarreacionárias, vem destruindo direitos duramente conquistados pelas mulheres.**

**5**

Sem ter com quem e com que contar, medo de punição e de morte, alimentados no contexto da cultura do estupro e do assédio, impedem mulheres de relatar agressões praticadas por atuais e ex-maridos, namorados e parentes. O empobrecimento e a vulnerabilização das mulheres as expõe ainda mais à política machista da morte.

**As que se insurgem permanecendo na resistência ao machismo e ao racismo, como Marielle Franco, estão na linha de tiro de assassinos impunes. A ascensão de grupos neofascistas, de fundamentalistas religiosos, de latifundiários e extrativistas que propagam ideias e atitudes machistas e racistas, coloniais e de subordinação e dominação das mulheres precisa parar por aqui.**

Aos setores democráticos da sociedade, que se unem contra o fascismo, um alerta: é imprescindível que reconheçam que as violências contra as mulheres são uma desafiadora questão a enfrentar. **O que precisamos nesse momento é de programas consistentes de enfrentamento à cultura patriarcal e racista que leva ao feminicídio. Do contrário, não haverá paz no Brasil. É evidente que o machismo, os ataques brutais e a matança de brasileiras arruinam a democracia.**

É imprescindível a união coletiva para lutar por uma verdadeira reforma no Sistema Judiciário e no sistema de segurança pública, pela inclusão no âmbito escolar da temática dos direitos humanos, gênero e raça na expectativa de desconstruir de vez as ideologias patriarcais capitalistas e racistas que sustentam a violência contra nós, mulheres, em nome de uma noção arcaica de família.

**Aqui, em Manifesto, defendemos a democracia popular, onde o Sistema Legislativo, o Sistema de Justiça e o Executivo, assim como outras instâncias de poder e decisão, possam ser mobilizadas e atravessadas pelo legado feminista dos movimentos sociais, articulações e coletivos para conter o assassinato de mulheres.**

Por esta razão é que, em público, em nosso nome e em nome daquelas que não estão mais entre nós para gritar, pois foram assassinadas, nós dizemos CHEGA DE FEMINICÍDIO! Nossa luta tem como objetivo o fim da violência promovida pela cultura feminicida patriarcal, racista e capacitista.

**Em memória de Daniela, Antonela Pedinha, Kelly, Luzia, Patricia, Heide, Martonia, Nazaré, Edy, Roberta, Ana Paula no Tocantins e centenas de milhares de mulheres que tombaram sob a sanha assassina do patriarcado, firmes na resistência,**

**acolhendo todas as pessoas indignadas com a tragédia da violência contra mulheres como nós, juntamo-nos para dizer aos homens embrutecidos e truculentos, para dizer aos assassinos impunes:**

**#NemPenseEmMeMatar**

**#NemPenseEmNosMatar**

**#QuemMataUmaMulherMataaHumanidade**

**#feminicidaNaoMereceTorcida**

Faça sua adesão a este manifesto subscrevendo abaixo e ao manifesto nacional.  
#levantefeministacontraofeminicidio.

1. Bernadete Ap. Ferreira, educadora popular feminista, Casa 8 de Março/ AMB, Palmas
2. Dorothea Luz, Educadora, EIG, Palmas
3. Emilleny Lázaro, advogada, ABJD/TO, Casa 8 de Março, AMB, Palmas
4. Graziela Tavares, advogada, prof. UFT, grupo direito e gênero, Palmas
1. Sandra Saraiva, assistente social, AMB Tocantins, Palmas
6. Rachel Câmara, pedagoga/aposentada, sindicalista, Araguacema
7. Tereza Ibiapina, advogada, Palmas
8. Karoline Chaves, advogada, Rede Candaces, Palmas
9. Cleide Maria Nascimento Souza, professora na zona rural, Araguacema
10. Fátima Dourado, bacharel em direito, militante dos direitos humanos e natureza, AMB, Palmas
11. Dandara Barboza, jornalista, ativista antirracista do Ajunta Preta, Palmas
12. Charleide Matos, ativista antirracista da Casa Pérolas negras e Casa 8 de Março, Ajunta Preta, Palmas
13. Gilma Ferreira, coletiva de mulheres negras e populares, Gruconto/Comsaúde, Alagbara, Porto Nacional

